

O MUSEU DE ARTE POPULAR DE PARAÍBA (MAPP): APRENDIZAGEM, VALORIZAÇÃO CULTURAL E IDENTITÁRIA

Laís de Oliveira Neves; Mayara Gomes da Silva ; Aline Praxedes de Araújo.
(Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, lais_oliveiraneves@hotmail.com ; Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, mayaragomesec@gmail.com; Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, alinepraxedes3@outlook.com)

Resumo: Em nossa consciência gravadas como arquivos, as imagens inspiram e nos transportam para inúmeras dimensões no plano cultural, ampliando nossos horizontes a diversos significados que subsidiam a compreensão e interpretação da linguagem artística. Lugares de Memória como os Museus são além de fundamentais para construção da memória coletiva através das imagens bem como um “arquivo” cultural da sociedade. Responsáveis pela construção da identidade local e proclama as consciências históricas, além do seu caráter pedagógico, constituindo-se também de lugar de aprendizagem. Através desse conjunto de totalidades visíveis e não visíveis, o museu descreve seu conhecimento desde da sua ornamentação no quesito arquitetônico como nos objetos e nas apresentações do que será vivido e realizado em suas exposições. Dessa forma o presente artigo tem como objetivo evidenciar o MAPP- Museu de Arte Popular da Paraíba; localizado na cidade de Campina Grande, conhecido popularmente como “*Museu dos Três Pandeiros*” fundado e administrado pela Universidade Estadual da Paraíba no ano de 2012, projetado por um dos grandes nomes da arquitetura brasileira Oscar Niemeyer; como lugar de memória e como ambiente de aprendizagem e valorização da cultura paraibana e identidade nordestina, descartando a ideia de museu como algo velho ou apenas lugar de relíquias da humanidade, para a ideia de museu dos vivos, construindo suas novas conexões para um novo olhar à educação patrimonial. Utilizando os princípios metodológicos da pesquisa bibliográfica bem como a ideia “olhar pensar” proposto pelos autores Aranha e Nicolau, por intermédio das suas exposições anexadas no espaço museológico de artesanato, literatura de cordel e música.

Palavras-chave: Museu, Aprendizagem, Educação, Valorização Cultural, Identidade.

Autores: L. Oliveira, NEVES.

Afiliação autores: Universidade Estadual da Paraíba – lais_oliveiraneves@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A contemporaneidade está cercada de diversos discursos interdisciplinares em relação a memória e os lugares de memória. Segundo Mendes (2012) os corpos disciplinares de entendimento do processo histórico se multiplicam, desde dos casos da História Social dentre a Antropologia e a Sociologia. Enquanto no campo historiográfico a uma compartimentação da análise das recordações públicas que mantem a continuidade da “ comunidade de memória” para a transmissão das mesmas para as gerações futuras.

Segundo Lowenthal (1985) a memória está associada ao equilíbrio social, e nó entre coesão da comunicação dos elementos, ela seria a reconstrução e manipulação do presente. Maurice Halbwachs (1950) traz a memória e suas variações de acordo com seu cenário social. Enquanto Nora (1997) reflete sobre a História dos lugares de memória, esses representados por unidades

significativas e de ordens materiais e não materiais que ao passar dos anos a vontade dos homens a tonaram objeto de patrimônio da comunidade.

Os Lugares de memória, em particular os museus têm se diversificado a respeito das suas inúmeras exposições, e suas relações diretas e indiretas com a arte. A princípio se vendia a ideia de museu dos mortos, onde a exposição estava vinculada nada mais, do que as expressividades artísticas de relíquias da humanidade pertencentes a antiguidade. Até mesmo a ideia central quando se fala “museu”, se relaciona aos grandes prédios de arquitetura clássica e seus objetos antigos.

Na maioria das vezes nos museus brasileiros encontramos exposições voltadas a ligação entre passado e presente. E apesar da nova historiografia e os novos modelos de comunicação muitos museus ainda detém do modelo tradicional, Segundo Betencourt (2001) essa ideia tradicional presente historicamente, de que os saberes se mantem nos profissionais da exposição e o público é leigo não foi totalmente remontada. No entanto a perspectiva é de que o museu como instituição tenha por objetivo montar seu projeto em uma perspectiva pedagógica organizando a participação do público entre as obras e os artistas, em geral no acervo ali exposto.

Já durante as últimas décadas encontramos o museu como um espaço de ação, suas abordagens comunicacionais vivenciaram uma mudança de paradigma, onde proporciona a centralidade do público no processo de comunicação. O museu agora é chamado de lugar dos vivos, o museu dos vivos para os vivos. Apesar de ser conhecido também como um espaço de conservação cultural destinado ao povo. A nova composição do museu estabelece uma série de conexões para uma reformulação significativa na educação patrimonial. Segundo Betencourt, (2001) falar de museu acerca da educação do povo não á limites apenas para apreciação das obras ali expostas, mas sim, que haja um significado na visitaçao para que possa acrescenta o conhecimento para fora das paredes do museu.

Inseridos em diversos espaços seja nas ciências biológicas, sociais e humanas é tomado uma nova medida para os projetos de museus no Brasil. Em 2004 com a criação do SBM- Sistema Brasileiro de Museus, com intuito de fortalecer os sistemas, estaduais, municipais e regionais no que se diz respeito aos assuntos museológicos, possibilitou segundo Cazelli, (2005) o estabelecimento de um programa nacional de formação e capacitação em museologia e a iniciativa na consolidação de um fundo de amparo ao patrimônio cultural e aos museus brasileiros.

Com mudanças notáveis os Museus no Brasil vão atribuindo inúmeras qualidades para o âmbito educacional, seja de uma maneira direta ou indireta. Dessa forma o presente artigo busca discuti sobre o Museu de Arte Popular da Paraíba como lugar de aprendizagem e valorização cultural como

também local de identidade através de suas exposições nas espacialidades do artesanato, música e literatura de cordel.

METODOLOGIA

A revisão da literatura acerca da análise dos museus de arte em geral sobre sua importância educacional é ampla. Estes artigos propõem exame sobre o Museu de Arte Popular da Paraíba através da Educação do Olhar nas perspectivas dos autores Merleau-Ponty (1967); Sartre (2008); Aranha e Nicolau (2011). Tanto no que se refere à o museu como lugar de educação bem como valorização da cultura e identidade.

Os museus e o processo de aprendizagem assim como no entendimento de uns espaços de educação se encaixa em uma percepção relativamente nova. Segundo Van-Praet e Poucet, (1992) essa ideia metodológica implica em análise em detalhes específicos, ou seja, um olhar para os seus elementos compositores seja o lugar, o tempo e a importância dos objetos e a sua linguagem.

Já no que se refere a linguagem do olhar Merleau-Ponty (1967) destaca existência de um olhar que não se limite apenas no quesito razão daquilo que se apresenta como objeto (referenciando aqui os museus e suas exposições) o olhar pensar seria desmanchar os tecidos do pensamento inato, ele deveria criar seus argumentos visuais. Manifestando as particularidades do indivíduo. Dessa forma proporcionaria a interpretação e a construção de um saber orgânico para além do objeto que ali está exposto.

Sartre (2008) também destaca que as formas e imagens são resquícios de conceitos, no entanto nenhuma atribui a um conceito inato. Ao elevarmos a função geradora do inteligível com a observação da imagem, ela nos faz pensar o objeto sob uma forma necessária e universal. “Toda matéria suscetível de ser explorada pela inteligência é de origem sensorial e imaginativa.” Dessa forma ao visitar o museu a visão das obras e dos objetos ali inseridos na exposição produzem o exercício da reflexão das imagens, não só a vividas como também as pensadas, ativando a memória e associação representativa daquilo que por sua vez, o faz pensar, e refletir originando um processo inteligível.

Segundo Aranha e Nicolau (2011) pensar o museu em sua totalidade é compreender toda as suas pequenas esferas. Semelhante a um quebra cabeça com suas possíveis e diferentes peças. O simples ato de visitar o museu compreende na organização do processo de identificação com o lugar, e analogia da sua exposição de acordo com as suas experiências anteriores. Ao visitar e

observar o museu o visitante processa e compreende novas informações. A visita seria, portanto, um caminho desconhecido, repleto de receios e resistências, que a partir da menor correlação que o visitante encontrará no seu caminho, proporcionará sua reflexão e análise com as correlações que o mobiliza e o relembra.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Museu de Arte Popular da Paraíba criado pela Universidade Estadual da Paraíba em convenio com o Governo do Estado, projetado por grandes nomes da arquitetura brasileira em destaque, o arquiteto Oscar Niemeyer. A ideia do governo do estado em proporcionar um ambiente de identidade e cultura surge em 13 de dezembro de 2012. Com a inauguração para o todos os públicos em 10 de Junho de 2014, localizado na cidade de Campina Grande precisamente no lugar histórico da cidade conhecido também como cartão postal o Açude Velho.

O museu segue com 3 salões, conhecidos popularmente como os “Três Pandeiros” devido a sua forma geométrica (Figura 1), onde o acervo é composto pelos temas de música, artesanato e literatura de cordel. Cada salão segue com sua organização e curadoria. E como discutimos acima sobre a existência de um novo papel atribuído ao museu no quesito educativo, o MAPP – Museu de Arte Popular da Paraíba segue com essa dimensão educativa.

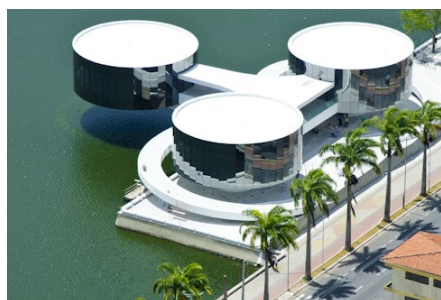


Figura 1



Figura 2

Apesar de ser um espaço educação não-formal, já que essa nomeação diferencia as experiências formais de educação, como aquelas desenvolvidas na escola, universidades. As exposições seguem com suas particularidades. O salão 1, conhecido como o salão do Artesanato dispõe da exposição intitulada “Raízes do Futuro” onde busca retrata as experiências de artesanato da Paraíba em sua originalidade na matéria prima encontrada na região, com os objetos presentes no cotidiano seja da vida dos centros urbanos paraibanos bem como as regiões do auto sertão (figura 2,3,4,5,7,8). É evidente a caracterização da linguagem dos objetos e as imagens utilizadas e projetadas no ambiente



como características da região e da sua cultura. O visitante é cativado pela expressividade das peças, das cores e dos objetos que recebem reconhecimento imediato quando participam do seu dia a dia ou até mesmo de um parente ou algo divulgado midiaticamente, não se limitando apenas nas peças de cozinha e utensílios domésticos, a iconografia religiosa é bem destacada no espaço Estética da Fé, (figura 5), a cultura nordestina, paraibana é bem simbolizada em cada peça, o visitante pode se sensibilizar e se apropriar dos conhecimentos expostos, assim como compreender os aspectos sociais, históricos, técnicos, artísticos e cinéticos envolvidos no espaço.

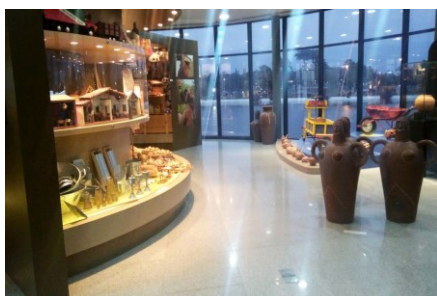


Figura 3



Figura 4

O segundo espaço voltado à música, segue com tendências mais tecnológicas e interativas, o ambiente contempla o acervo digital onde o visitante tem acesso direto aos objetos (músicas, shows documentários) através dos computadores e as televisões, o visitante pode se sensibilizar e se apropriar dos conhecimentos expostos, assim como compreender os aspectos sociais, históricos, técnicos, artísticos e cinéticos envolvidos na vida do artista que está sendo homenageado, nesse caso a exposição do ano de 2017 que busca a homenagem a Elba Ramalho atriz e cantora paraibana (figura 7) nascida na cidade de Conceição, conhecida também por morar na cidade de Campina Grande. A exposição descreve a jornada da vida da Elba Ramalho, desde nascimento até os dias atuais. Contendo fotos, discos, shows, prêmios, revistas, livros, roupas dentre outros objetos pertencentes a carreira da cantora. Como ícone paraibano e uma das vozes mais conhecidas no cenário nordestino (figura 9).



Figura 5

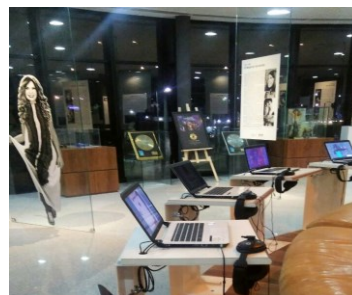


Figura 6



Figura 7



Figura 8

Já no espaço da literatura de cordel (figura 10), encontramos diversos materiais didáticos desde das obras impressas nas paredes como a exposição dos personagens em tamanho real. A exposição é voltada para a composição do cordel, bem como a cantoria e o processo de sua fabricação na tipografia do século XVI com a xilogravura. Não se detendo apenas ao cordel, a exposição também se qualifica como itinerante, levando sua homenagem neste ano de 2017 a poeta e também dramaturga Lourdes Nunes Ramalho. Nascida no Rio Grande do Norte na cidade de Jardim do Seridó, no entanto aclamada pelo povo paraibano por fazer carreira de Campina Grande para o Brasil. Conhecida como a Dona Lourdinha tem fama nacionalmente pelas peças “A feira” e “As velhas”. (figura 10 e 11).



Figura 9

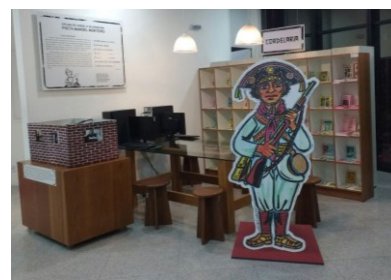


Figura 10

Nas exposições encontramos as informações que aparecem na forma de textos, imagens, aparatos interativos, objetos contemplativos, tendo função de cativar o público, reconhecer os saberes ali expostos predominantemente local da cultura paraibana, assim ensinando e divulgando a cultura popular local. Dessa forma podemos destaca a visita ao Museu de Arte Popular da Paraíba mais de que um simples divertimento ou uma tarde lazer, não só por estimular o aprendizado e a

observação através do seus espaços e peças da exposição, mas por promover o exercício da cidadania indistintamente, tanto através da visita como por estimular a participação dos mais diversos grupos de pessoas dos vários níveis socioeconômicos já que é considerado patrimônio do estado e aberto a todos públicos. Além da caracterização material do acervo na definição do saber paraibano, tanto nas artes do cotidiano como o artesanato bem como na música e da literatura de cordel identificando e enaltecendo a cultura local.

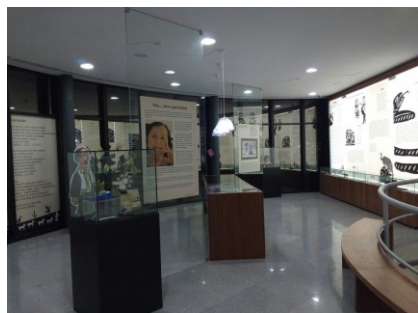


Figura 11

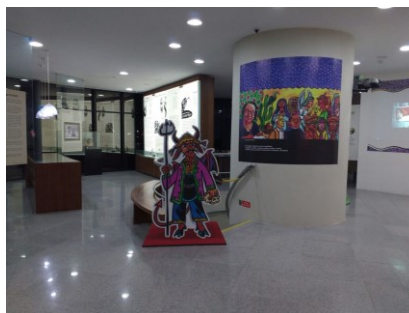


Figura 12

CONCLUSÃO

A atualidade nos permite pensar museu além de um sinônimo de coisa antigas, levantando novas indagações sobre seu papel na sociedade. E por meio disso podemos considerar sim o museu como lugar de memória coletiva capaz e influente na formação do indivíduo. Assim o museu pode e deve participar e permitir o indivíduo que o visita se torna sujeito de sua própria aprendizagem educativa. Mesmo que caracterizado como lugar não-formal de educação, através da educação o olhar e o reconhecimento dos signos e ícones, ou seja, a comunicação museológica que no caso do Museu de Arte Popular da Paraíba referencia-se a valorização da cultura paraibana e a identidade local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Carmen S. G. Exercícios do Olhar: conhecimento e visualidade. São Paulo: Editora Unesp, 2008. ;

BETANCOURT, J. Museo, comunicación y educación. In: _____. (comp). Reflexiones y realidades. Bogotá: Quebecor World, 2001

CAZELLI, S.; MARANDINO, M.; STUDART, D. Educação e Comunicação em Museus de Ciência: aspectos históricos, pesquisa e prática. In: Educação e Museu: a construção do caráter educativo dos museus de ciência. Rio de Janeiro: Access, 2003. p. 83-106.

NICOLAU, Evandro C. Teatro cognitivo In: ARANHA, Carmen S. G. e CANTON, Kátia (Orgs.). Espaços da mediação. São Paulo: MACUSP, 2011. p.149-166.

NORA, Pierre. 1997. Les Lieux de Mémoire. Paris: Gallimard.

LOWENTHAL, David. 1985. The Past is a Foreign Country. Cambridge: C.U.P.

HALBWACHS, Maurice. 1950. La Mémoire Collective. Paris: Les Presses universitaires de France.

MENDES, Carlos – Museu da resistência: lugar de memória e instrumento da memória. Ensaios e Práticas em Museologia. Porto, Departamento de Ciências e Técnicas do Patrimônio da FLUP, 2012, vol. 2, pp. 57-69.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart, e HERSCHMANN, Micael, “História da Comunicação no Brasil: um campo em construção”. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart, HERSCHMANN, 2003

SARTRE, Jean Paul. A imaginação. Porto Alegre: LP&M, 2008.

FONTE DE IMAGENS

Figura 1.

https://www.google.com.br/search?q=museu+de+arte+popular+da+para%C3%ADba&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiQhKypvPWAhWEI5AKHT4yCwEQ_AUICigB&biw=1338&bih=586#imgdii=Gz6TgK4VFNozcM:&imgcr=-VHrIYvk9gRukM: